

PROVÉRBIOS COMENTADOS

Amaral SANTOS

— Gato escaldado de água fria tem medo.

A recordação de uma peripécia desagradável torna os homens receiosos e fá-los cautelosos para que o sucesso não se repita. De uso constante na fala popular.

— Gato ruivo do que usa culda.

Este provérbio, com outras palavras, está em dois versos do *Lusiadas*: Onde reina a malícia está o receio / Que a faz imaginar no peito alheio.

Os que usam de métodos excusos ou deshonestos são os primeiros a acusar nos outros seus próprios defeitos.

A tática é velha, e até os advogados ratões usam dela nos tribunais para aliviarem os seus constituintes da parte que lhes cabe nos delitos. Não é de admirar que os gatos, como os cães, tenham fornecido ampla matéria por onde a sabedoria dos provérbios se espianasse. São os animais mais próximos do homem e domesticados por ele desde as eras pré-históricas.

O gato, sobretudo, pelas suas atitudes de mistério, sonho e comodismo, tem despertado a admiração e a inspiração dos poetas. Bandelaire consagrou belíssimo soneto ao bichano elegante e sonhador romântico, sempre enroscado junto ao fogo, ou placidamente recostado sobre o móvel mais vistoso, ou no parapeito de uma janela batida de sol, mais para ser visto do que para ver, nas suas atitudes graciosas, imaginando estupendas histórias que só ele conhece e percebe no seu vasto mundo das noites enluaradas.

Amis de la science et de la volupté,
/ Ils cherchent le silence et l'horreur
des ténébrès / Ils prennent en songeant
les nobles attitudes / Des grands sphinx
allongés su fon ddes solitudes / Qui
semblent s'endormir dans um rêve sans
fin, diz Bandelaire: "Amigos da ciência e da voluntuosidade, gostam do silêncio e da obscuridade. Ao sonhar adotam as nobres atitudes das grandes esfinges do deserto, parecem dormir um sono eterno". (Bandelaire *Les Fleurs du Mal, Le Chat, LXIX*).

— Guarda-te de homem que não fala, de mulher que faz versos e de cão que não ladra.

Provérbio maldoso que coloca a poetisa no mesmo nível do cão bravo (que não ladra), e do homem insidioso (que não fala).

Talvez provenha de alguém que se viu em palpos de aranha com alguma beldade de muita inspiração e pouco

coração.

— Mal por mal, antes Pombal.

Assim dizia o povo lá em Portugal quando, no reinado subsequente ao do grande marquês, começou a sentir a falta das medidas enérgicas do onipotente ministro de D. José I que, apesar das atrocidades contra os Távoras e os jesuitas, sustou a decadência de Portugal que veio a acentuar-se no reinado de D. Maria I e na regência do príncipe D. João, depois D. João VI.

Pode ser aplicado aos governos que repetem os mesmos erros, sem as vantagens dos governos antecedentes.

— Na terra dos papudos quem não tem papo é defeituoso.

É o reverso daquele outro provérbio: Em terras de cego quem tem um olho é rei.

Quando a pouca vergonha se generaliza, os sem-vergonhas se tornam arrogantes e ditam leis.

— Negro não namora: embirra.

Isso nos tempos do cativo: hoje namoram, e muito bem, as brancas e com elas se casam, deixando as mulatas "embirradas".

São inúmeros os provérbios, bem brasileiros, onde entra o negro, refletindo o desprezo em que era tido o pobre escravo nos tempos do cativo. Os três com que finalizamos esta colheita, espelham a reputação em que era tida a raça que arroteou as terras virgens do Brasil fazendo dela brotar os imensos cafezais e canaviais que enriqueceram e deram fôros de nobreza aos fazendeiros e senhores de engenho.

— Negro em festa de gente branca é o último que come e o primeiro que apanha.

Nos dias da escravidão. Hoje vai à festa dos brancos e, se houver sururu, é o primeiro que bate, depois de ter sido, talvez, o primeiro que comeu.

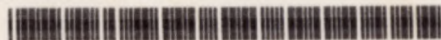
— Negro furta e branco acha.

Hoje, de cambalhada, furtam brancos e negros. Em consonância com este provérbio, vão aqui duas quadrinhas colhidas no livro: *O Folclore Negro no Brasil*, de Artur Ramos:

Nosso preto fruta garinha
Fruta saco de fujão;
Sinho baranco quando fruta
Fruta prata e patacão.

Nosso preto quando fruta
Vai pará na coreção,
Sinho baranco quando fruta
Logo sai sinho barão.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030631